

Curso de Quenya

Helge Kåre Fauskanger
(*helge.fauskanger@nor.uib.no*)

Tradução
Gabriel "Tilion" Oliva Brum
(*tilion@terra.com.br*)

LIÇÃO ONZE

O conceito de casos.

O caso genitivo.

CASOS

As Lições de 1 a 10 trataram principalmente de adjetivos e verbos. Quanto aos substantivos, nós apenas discutimos como seu plural e formas duais são construídas. Há, porém, muito mais a ser dito sobre a declinação do substantivo em quenya. A segunda metade deste curso tratará predominantemente do elaborado sistema de *casos* do quenya, que é de fato a característica mais típica do idioma. É no tratamento dos substantivos que a estrutura gramatical do quenya reflete mais claramente duas das inspirações de Tolkien: o finlandês e o latim.

O que, lingüisticamente falando, são casos? Um substantivo pode possuir muitas funções em uma frase. O português pode indicar que função um substantivo possui por meio apenas da ordem das palavras. Em uma frase como “o homem ama a mulher”, é meramente a ordem das palavras que revela o fato de que “o homem” é o sujeito e “a mulher” é o objeto. A regra que muito cedo é inserida na mente subconsciente das crianças expostas ao português é mais ou menos desse modo: “o substantivo em frente do verbo predicado é seu sujeito, enquanto que o substantivo que vem depois dele geralmente é seu objeto.” Onde a ordem de palavras não é suficiente, o português pode inserir preposições esclarecedoras na frente de um substantivo; ex: “para” em uma frase como “o elfo dá um presente *para* o anão”. Existem idiomas que não precisariam ter um “para” aqui; ao invés disso, o substantivo “anão” ocorreria em uma forma declinada especial.

Claro, o quenya também possui preposições, e o estudante já encontrou várias: **nu** “sob”, **or** “sobre”, **imbë** “entre”, **ve** “como”, **mir** “dentro de” (palavra na qual, por sinal, é formada a partir da preposição mais simples **mi** “em”). Mas é uma característica do quenya que, onde o português freqüentemente coloca uma preposição em frente de um substantivo, ou depende unicamente da ordem das palavras para indicar qual é a função de um substantivo, *ele possui uma forma especial do substantivo* que por si só indica sua função. Estas várias formas especializadas do substantivo são chamadas de *casos*. Por exemplo, o citado acima – “o elfo dá um presente **para** o anão” – seria traduzido para o quenya em algo como **i Elda anta anna i Naucon**, onde a *desinência casual -n* adicionada a **Nauco** “anão” corresponde a preposição portuguesa “para”. (Este caso em particular é chamado de *dativo*, a ser tratado completamente na Lição 13.)

Certas preposições também podem exigir que a palavra (substantivo ou pronome) sucedendo-as apareça declinada por algum caso – algumas vezes um tanto sem relação com a função independente normal deste caso. Diz-se então que a preposição relevante “rege” este ou aquele caso.

As formas do substantivo em quenya até agora tratadas (singular, plural ou dual) são exemplos do caso *nominativo*. A função gramatical mais importante do nominativo é que esta é a forma que um substantivo possui quando ele funciona como o sujeito de um verbo. Na Lição Cinco, tocamos brevemente em outra forma do substantivo – o caso *acusativo*, que é a forma que o substantivo assume quando ele é o *objeto* de um verbo. O português moderno não preserva qualquer distinção entre nominativo e acusativo em substantivos. Os

substantivos portugueses não mudam sua forma quanto ao substantivo ser o sujeito ou o objeto da frase – e também não o fazem os substantivos no quenya da Terceira Era. Tolkien imaginou uma forma arcaica de quenya, “quenya livresco”, que possuía um caso acusativo distinto em forma do nominativo. O substantivo “navio” seria **ciryá** (pl. **ciryar**) se ele fosse usado como o sujeito de uma frase, mas seria **ciryá** (pl. **ciryai**) se aparecesse como o objeto: nominativo vs. acusativo. Entretanto, o acusativo distinto desapareceu do idioma como falado na Terra-média; as formas **ciryá** (pl. **ciryar**) vieram a ser usadas tanto como sujeito e objeto. Logo, ou você pode dizer que no quenya da Terceira Era os casos nominativo e acusativo vieram a ser idênticos em forma, ou pode dizer que o nominativo assumiu as funções do acusativo distinto de modo que, na verdade, não existe mais acusativo. Isto se reduz exatamente a mesma coisa.

Mas até onde sabemos, o acusativo foi o único caso do quenya que se perdeu entre os Exilados. Os casos remanescentes, em acréscimo ao nominativo, são o *genitivo*, o *possessivo*, o *dativo*, o *alativo*, o *ablativo*, o *locativo*, e o *instrumental*. Há também um caso misterioso que Tolkien registrou na Carta Plotz, mas sem discutir seu nome ou uso – logo, há pouco que eu posso dizer sobre ele aqui.

Nas Lições 11 a 16, trabalharemos a lista de casos do quenya, discutindo suas funções e como eles são formados. Precisamente porque temos a abençoada Carta Plotz, estamos agora em um terreno um tanto mais sólido do que geralmente nos encontramos ao discutir a gramática do quenya. (Tolkien realmente deveria também ter enviado a Dick Plotz uma lista de pronomes e formas do verbo!)

O GENITIVO

Começaremos nossa discussão dos casos do quenya com as poucas formas de substantivos do quenya que realmente possuem (mais ou menos) um equivalente direto em português. Enquanto o quenya possui nove ou dez casos do substantivo, o português possui apenas um (puro): o nominativo (os outros casos são formados geralmente por uma preposição + o nominativo). Já tratamos do nominativo: em português, assim como no quenya exílico, um substantivo aparece no nominativo quando ele é o sujeito ou o objeto de uma frase. Em ambos os idiomas, o nominativo no singular pode bem ser considerado a forma mais simples do substantivo. Não há uma desinência especial ou outro elemento declinável para indicar que “esta é uma forma nominativa”; mais exatamente, é a *ausência* de tais elementos que nos diz em que caso está o substantivo.

Todos os outros casos, porém, apresentam elementos especiais. Um desses casos é o *genitivo*. Em português, no singular ele é formado pela adição de uma preposição, *de*, e duas contrações (*da* e *do*) antes do substantivo; ex: casa *de* boneca, etc.

A função gramatical deste caso deve ser familiar o suficiente pra qualquer um capaz de ler este texto; já na Lição Dois, tocamos brevemente nesta “forma de propriedade”. O caso genitivo é usado para indicar “origem ou posse”. Em uma combinação como *a boneca da menina*, o caso genitivo é usado para coordenar dois substantivos de forma a indicar que o segundo é dono ou possuidor do primeiro. (Desta primeira palavra, a qual a forma de genitivo de conecta, como “boneca” no nosso exemplo, diz-se algumas vezes ser *regida* pelo genitivo. De modo oposto, pode-se dizer que a forma de genitivo em si “depende” desta outra palavra; esta é a expressão de Tolkien em CI: 497.) O genitivo português não implica necessariamente “posse” no sentido mais estrito, mas também pode ser usado para descrever outros tipos de “pertence”, tais como relações familiares – ex: *a mãe da menina*. Quanto ao genitivo sugerindo *origem*, podemos pensar em expressões como *os desenhos do*

arquiteto (os desenhos feitos pelo arquiteto, e não necessariamente pertencendo a ele, mas se *originando* dele). O substantivo do genitivo pode ainda não indicar um ser senciente; ex: *os melhores artistas da Inglaterra* (os melhores artistas vindos da/vivendo na Inglaterra). O último exemplo também pode ser chamado genitivo de *locação*; os melhores artistas da Inglaterra são os melhores artistas localizados *na Inglaterra*.

O substantivo do qual a forma de genitivo depende bem pode ser *outro* genitivo, que por sua vez se refere a um terceiro substantivo – ex: “a casa da irmã da rainha”. A princípio podemos ligar um número infinito de genitivos (“o cão do irmão da tia do pai do rei... [etc. etc.]”) – embora não deva ser um grande choque para ninguém que as pessoas que se importam com o estilo e clareza geralmente não levam isso muito adiante.

De certa forma como os adjetivos, os genitivos podem ser usados atributivamente e como predicados. Todos os exemplos acima são exemplos de genitivos atributivos, diretamente associados com um substantivo do qual o genitivo então depende. Um genitivo entretanto funcionaria como um predicado em uma frase como *o livro é de Pedro*. Mas ao invés de usar genitivos como predicados, o português freqüentemente recorre a circunlocuções (como *o livro pertence a Pedro*).

E o que dizer do quenya? As funções dos genitivos portugueses são abrangidas por *dois* casos de substantivos do quenya; discutiremos o outro caso relevante na próxima lição. As funções do caso geralmente referido como o genitivo do quenya são de certa forma mais limitadas do que as funções do genitivo português. Mas em primeiro lugar, vamos tratar da maneira que o genitivo do quenya é formado.

A desinência básica do genitivo do quenya é **-o**. A partir dos substantivos que agora devem ser bem conhecidos pelo estudante, podemos produzir genitivos como **arano** “do rei”, **tário** “da rainha” e **vendëo** “da donzela”. Se o substantivo *já termina em -o*, a desinência de genitivo geralmente se torna “invisível”. Em CI: XXII temos **ciryamo** para “do marinheiro”. Esta é a nossa única confirmação deste substantivo, mas não há razão para duvidar de que sua forma nominativa “marinheiro” é do mesmo modo **ciryamo** (esta palavra é obviamente derivada de **cirya** “navio”, e a desinência masculina/pessoal **-mo** [WJ: 400] é bem atestada em outro lugar: assim, **cirya-mo** = “pessoa de navio”). Um nome como **Ulmo** poderia ser tanto nominativo “Ulmo” como genitivo “de Ulmo”; o contexto deve decidir como a forma deve ser compreendida. (Contudo, no caso de substantivos em **-o** que possuem formas de radicais especiais em **-u**, como **curo**, **curu-** “artifício habilidoso”, provavelmente veríamos **curuo** como a forma do genitivo.)

Substantivos que terminam em **-a** perdem esta vogal quando a desinência de genitivo **-o** é adicionada: uma vez que a fonologia do quenya não permite a combinação **ao**, ela é simplificada para **o**. Por exemplo, o *Namárië* demonstra que o genitivo “de Varda” é **Vardo**, e não ****Vardao**. E acontece, então, que alguns substantivos de outra forma distintos coincidem no genitivo; por exemplo, parece que tanto **anta** “face, rosto” como **anto** “boca” possuem a forma de genitivo **anto**. O contexto deve ser levado em conta para determinar qual substantivo é pretendido.

No *plural*, a desinência de genitivo **-o** é aumentada para **-on** (como veremos depois, o indicador de plural **-n** ocorre em várias das desinências casuais do quenya). Esta desinência **-on** é adicionada à forma mais simples de plural (nominativo) do substantivo, em **-r** ou **-i**. Assim, um plural **r-** como **aldar** “árvores” possui o plural genitivo **aldaron** “das/de árvores” – enquanto que um plural **i** como **eleni** “estrelas” possui a forma genitiva **elenion** “das/de estrelas”. (As regras normais de tonicidade ainda se aplicam, de modo que enquanto **eleni** é enfatizada na primeira sílaba, a ênfase deve cair sobre *-len-* na forma mais

longa **elenion**.) Ambas são atestadas no SdA: o *Namárië* tem **rámar aldaron** para “asas das árvores” (uma circunlocução poética para “folhas”), e Frodo, falando em quenya em Cirith Ungol, refere-se a Eärendil como **elenion ancálíma**, “a mais brilhante das estrelas”.

Um exemplo conhecido de um genitivo plural é o próprio título do **Silmarillion**, formado a partir do nominativo plural **Silmarilli** “Silmarils”. Este título é bem aplicado, considerando que é propriamente apenas uma metade de uma expressão mais longa de genitivo, encontrada no frontispício sucedendo o *Ainulindalë* e o *Valaquenta*: **Quenta Silmarillion**, “A História das Silmarils”.

Quanto ao genitivo *dual*, Tolkien indicou que sua desinência é **-to**, combinando a desinência dual **-t** com a desinência básica de genitivo **-o**. Na Carta Plotz, Tolkien usou o exemplo **ciryato**, “de um par de navios”. Há uma incerteza aqui, não mencionada em Plotz: a desinência também deve ser **-to** no caso dos substantivos que possuem formas duais em **-u** ao invés de **-t**? Ou o **u** simplesmente substituiria o **t** aqui, de modo que tais pronomes, ao invés disso, possuiriam genitivos duais em **-uo**? Concretamente: se o nominativo “(as) Duas Árvores” é **Aldu**, o genitivo “das Duas Árvores” deve ser **Alduto** ou **Alduo**? Uma forma como **Alduto** teria um indicador de dual *duplo*, tanto **u** como **t**, mas então genitivos no *plural* incluiriam da mesma forma indicadores duplos de plural (**elenion**, **aldaron**). Ainda assim, não estou pronto para excluir a possibilidade de que genitivos em **-u** devam ter genitivos em **-uo**; ex: **i cala Alduo** para “a luz das Duas Árvores”. Mas visto que o material publicado não permite conclusões certas a este respeito, eu simplesmente evitei o problema nos exercícios abaixo.

As “formas de radicais” especiais de alguns substantivos também são relevantes para a formação de genitivos. A partir de **rá** (**ráv-**) “leão” teríamos o genitivo **rávo** “de/do leão”; a partir de **nís** (**niss-**) “mulher” teríamos **nisso** “de/da mulher”. As formas no plural seriam **rávion** “de/dos leões” e **nission** “de/das mulheres” – cf. os plurais nominativos **rávi** e **nissi**. Não estou muito certo sobre as formas duais; talvez possamos ter **ráveto** e **nisseto** (um **-e-** inserindo-se antes da desinência **-to** de modo que encontros consonantais impossíveis não apareçam; ver as lições posteriores com respeito a exemplos atestados de um **-e-** extra sendo introduzido desta forma).

Até agora vimos a formação do genitivo; agora devemos retornar a sua *função*. Em português, o genitivo freqüentemente indica quem é dono do que, como em “a casa do homem”. De fato, esta é a principal função do genitivo português. Contudo, o caso genitivo do quenya *não* é geralmente usado para descrever simples posse de coisas. Tolkien indicou expressamente que este caso justamente “não era [usado] como um ‘possessivo’, ou adjetivamente para descrever qualidades” (WJ: 368).

Para compreender sua função, é bem útil ter em mente sua derivação final. Tolkien explicou que “a fonte da declinação do ‘genitivo’ mais usada do quenya” foi um antigo elemento adverbial ou “preposicional” que significava basicamente *de* ou *dentre*. De acordo com WJ: 368, ele originalmente possuía a forma *HO* ou, como um elemento adicionado a substantivos, *-hó*. O último foi a fonte direta da desinência casual **-o** (plural **-on**) do quenya. Mas de acordo com o *Etimologias*, o quenya também possuía uma preposição regular **ho** “de (no sentido de *proveniente de*), desde”, e em WJ: 368 Tolkien menciona **hó-** “desde, fora de” como um prefixo verbal; ex: em **hótuli-** “vir de longe” (literalmente deixar um lugar ou grupo e se unir a outros em pensamento ou no local do falante).

Mesmo a desinência casual **-o** pode ocasionalmente expressar “de, desde”, o significado mais básico do elemento primitivo *HO*. No *Namárië* prosaico temos o verso **Varda... ortanë máryat Oiolossëo**, “Varda... ergueu suas mãos **do** Oiolossë” (essencialmente o mesmo na versão do SdA, mas com uma ordem “poética” de palavras mais complicada). A tradução no SdA tem “Varda... do Monte Semprebranco ergueu suas mãos” – **Oiolossë** “Semprebranco” sendo um nome de Taniquetil, a grande montanha do Reino Abençoado onde Manwë e Varda habitam.

Entretanto, **Oiolossëo** é o nosso único exemplo de genitivo do quenya sendo usado com tal significado. (Para “[vindo] de”, o quenya geralmente usa outro caso – o *ablativo*, a ser tratado em uma lição posterior.) Normalmente, a desinência **-o** é vista tendo adquirido outros significados mais abstratos. No entanto, uma importante função do genitivo do quenya ainda reflete claramente a idéia de alguma coisa vindo “de” algo ou de outra pessoa: o genitivo do quenya pode ser usado para descrever a *fonte*, *origem* ou *dono anterior* de algo – chamados “genitivos derivativos” (WJ: 369). Tolkien explicou que **róma Oromëo** “trompa de Oromë” se refere a uma trompa *vindo de* Oromë, e não uma trompa que Oromë ainda possui, ou ainda possuísse no momento em que ele fosse considerado (WJ: 168). Da mesma maneira, **lambë Eldaron** não poderia ser usado para “o idioma dos Eldar”, pois isto significaria “o idioma vindo dos Eldar”; Tolkien acrescentou que tal expressão apenas seria válida “em um caso onde o idioma inteiro fosse adotado por outro povo” (WJ: 368-369). Levando-se isso em conta, a expressão genitiva **Vardo tellumar** “abóbadas de Varda” no *Namárië* pode não implicar necessariamente que as “abóbadas” celestiais *pertencam* a Varda, mas sim que ela criou-as, que elas se *originaram* dela.

Tolkien também registrou “dentre” como um dos significados do elemento primitivo *HO*, e este significado é discernível em exemplos de *genitivo partitivo* do quenya, o genitivo indicando do que alguma coisa ou alguém faz *parte*. Na expressão **Eärendil Elenion Ancalima** “Eärendil, a mais brilhante *das estrelas*” (Letters: 385), as palavras **elenion ancalima** na verdade implicam “a mais brilhante *dentre* as estrelas”: após sua lendária transformação, Eärendil, ao carregar a Silmaril, é ele mesmo uma das estrelas, como indicado pelo capítulo *O Espelho de Galadriel* no Volume Um do SdA (“Eärendil, Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho...”)

Parece que um genitivo partitivo também pode indicar do que alguma coisa é parte em um sentido completamente físico: em uma expressão traduzida como “as mãos do Poderes”, a *Canção de Fíriel* usa o genitivo plural **Valion** para “dos Poderes” (ou seja, “dos **Valar**” – como indicado pelo *Etimologias*, entrada *BAL*, **Vali** é uma alternativa válida para **Valar** como a forma plural de **Vala**). As mãos dos Valar, quando estão encarnados, são fisicamente *parte* dos próprios Valar.

A relação entre um *lugar* e algo *localizado naquele lugar* também pode expressada por meio do caso genitivo (cf. nosso próprio exemplo “os melhores artistas da Inglaterra”). O *Namárië* possui **Calaciryo míri** para “jóias de Calacirya” (**Calacirya** “Fenda de luz” sendo um lugar no Reino Abençoado; note que como no caso de **Vardo** “de Varda”, a desinência de genitivo **-o** “engole” o **-a** final). Talvez isto também possa ser analisado como um genitivo partitivo, se algo localizado em um lugar é de alguma forma considerado *parte* deste lugar. Uma construção mais abstrata, mas talvez basicamente parecida, é encontrada em no *Juramento de Círon*: **Elenna·nórëo alcar** “a glória da terra de Elenna”. Se não percebermos a **alcar** ou glória como estando de alguma forma “localizada” em Elenna (= Númenor), devemos pensar nela como emanando *de* Elenna, de modo que o genitivo indica *fonte*. (Ver a próxima lição a respeito do caso comparável **alcar Oromëo**.)

Relações familiares são indicadas pelo caso genitivo. Na Saudação de Barbárvore a Celeborn e Galadriel ocorre a expressão genitiva **vanimálion nostari**, “pais de belas crianças” (Letters: 308) ou mais literalmente “criadores de seres belos” (SD: 73) – **vanimáli** significando “seres belos” (genitivo pl. **vanimálion**) e **nostari** significando “criadores”. Pode-se argumentar também que este exemplo mostra que um substantivo indicando algum tipo de agente, e outro substantivo indicando aquele que ao qual este agente *faz* alguma coisa, pode ser coordenado por meio do caso genitivo (os “seres belos” foram *criados* pelos *criadores*). Qualquer que seja o caso, temos outros exemplos de relações familiares descritas por meio de um genitivo. No glossário do *Silmarillion*, entrada “Filhos de Ilúvatar”, aprendemos que esta é a tradução de **Híni Ilúvataro**. Visto que Ilúvatar (“Pai de Todos”) é um título de Deus, este exemplo é um tanto profundo. Isso serve também para **Amillë Eruva lissëo** “Mãe de graça divina”, uma expressão que ocorre na tradução de Tolkien para o quenya da Lítania de Loreto (VT44: 12; isso é **Amillë** “Mãe” + **Eruva** “divina, de Deus” + **lissëo**, genitivo de **lissë** “graça, doçura”). Contudo, o caso genitivo certamente também seria usado em expressões mais triviais como “os filhos do rei” (provavelmente **i arano yondor**). Na medida em que o caso genitivo descreve relação de *pais* quanto a sua prole, podemos analisar as construções como genitivos derivativos, os pais sendo a origem física de seus filhos. Mas no exemplo **Indis i-Ciryamo** “a Esposa do Marinheiro” (CI: XXII), o genitivo inquestionavelmente descreve uma relação familiar e nada mais, uma vez que o “Marinheiro” não é de modo algum a fonte ou origem de sua esposa.

Talvez possamos generalizar mais além e dizer que relações entre *peças* podem ser descritas pelo caso genitivo do quenya. Em WJ: 369, Tolkien indicou que o genitivo seria usado em uma expressão como **Elwë, Aran Sindaron** “Elwë [= Thingol], Rei dos Sindar [elfos-cinzentos]”. Aqui a relação é aquela entre um governante e os governados. A mesma construção, porém, poderia ser usada com referência à *área* que é governada: “Rei de Lestanóre” seria **Aran Lestanóre** (Lestanóre sendo o nome em quenya da terra chamada *Doriath* em sindarin). O caso genitivo também pode se referir a *coisas* que são controladas: em um livreto que acompanhava uma exibição nos Arquivos da Universidade de Marquette em setembro de 1983, *Catálogo de uma Exibição dos Manuscritos de JRRT*, Taum Santoski apresentou a tradução em quenya de Tolkien do título “Senhor dos Anéis”: **Heru i Million**, que é **heru** “senhor” + **i** “o” + o que provavelmente seria o genitivo plural de um substantivo **millë** “anel”, não atestado de outra forma. No próprio SdA, porém, a palavra em quenya para “anel” é dada como **corma**, Frodo e Sam sendo saudados como **Cormacolindor** ou Portadores do Anel (esta palavra ocorrendo no Louvor de Cormallen). Para “Senhor dos Anéis” poderíamos esperar portanto **Heru i Cormaron**, mas de qualquer modo, a expressão **Heru i Million** confirma que o caso genitivo pode ser usado para descrever a relação entre um governante e o governado (pessoas, área ou coisa).

Um dos significados mais abstratos que o caso genitivo pode adquirir é *de = sobre, a respeito*, como em **Quenta Silmarillion** “a História das (= a respeito das) Silmarils”. Outro exemplo atestado é **quantalë Noldoron** “a história dos Noldor” (VT39: 16). É provável que o genitivo possa ser usado neste sentido também em ligação com os verbos como **nyar-** “contar, relatar” ou **quet-** “falar”, ex: **nyarnen i Eldo** “eu contei **sobre** o elfo” ou **i Naucor quetir altë harmaron** “os anões falam **de** grandes tesouros”. Porém, carecemos de exemplos atestados.

Algumas vezes o significado preciso de um genitivo é difícil de se definir claramente. Na famosa saudação **elen sila lúmenn’ omentielvo**, “uma estrela brilha sobre a

hora do nosso encontro”, o genitivo simplesmente coordena os substantivos “encontro” e “hora” para indicar que o “encontro” aconteceu na “hora”. Na expressão **Heren Istarion** “Ordem dos Magos” (CI: 426), pode-se perguntar se o genitivo **Istarion** “dos Magos” implica que a ordem foi *fundada* por magos, que ela *pertence* a magos, que ela é *composta* de magos, que ela *organiza* ou *controla* (ou ainda *é controlada por*) magos, etc. Com toda probabilidade, várias ou todas estas sombras de significado poderiam estar envolvidas ao mesmo tempo.

Considere também esta passagem do SdA, no capítulo *As Casas de Cura* no terceiro volume:

Logo em seguida entrou o mestre-de-ervas. – Vossa Senhoria solicitou a *folha-do-rei*, como os rústicos a chamam – disse ele –, ou *athelas* na língua nobre, ou ainda para aqueles que conhecem um pouco da língua de Valinor...

- Eu a conheço – disse Aragorn -, e não quero saber se você a chama de *asëa aranion* ou *folha-do-rei*, contanto que tenha um pouco.

Assim, **asëa aranion** é a expressão em quenya (ou na “língua de Valinor”) para “folha-do-rei”, a erva chamada *athelas* em sindarin. A palavra **asëa** se refere a algum tipo de planta útil ou benéfica, mas que significado preciso o genitivo plural **aranion** “dos reis” expressa aqui? Os reis não *possuíam* ou *criaram* a folha-do-rei; ela era meramente *usada* por eles para propósitos de cura. A menos que isto seja comparável a construção **Calaciryo míri** pelo fato de que a folha-do-rei estava fisicamente com os reis quando eles a usavam para cura (“Vida dos que morrendo estão/ Que o rei detém em sua mão!”), devemos concluir que o genitivo também pode ser usado para indicar de preferência estados mal definidos de “propriedade”, ou mera associação.

Finalmente, posso mencionar uma função do genitivo que era desconhecida até o início de 2002, quando eu já havia completado a primeira versão desse curso: fica-se sabendo que a expressão “cheio de [alguma coisa]” é traduzida como **quanta** “cheio” + um substantivo no caso genitivo. Nosso exemplo atestado é um tanto profundo: em sua versão para o quenya da Ave Maria, publicada primeiramente em *Tyalië Tyelelliëva* #18, Tolkien traduziu a expressão “cheia de graça” como **quanta Eruanno**. Isso parece significar, literalmente, “cheia do presente de Deus” (uma vez que **Eruanno** é mais provavelmente a forma genitiva de **Eruanna**, cf. **anna** “presente”). A mesma construção presumivelmente seria usada em um contexto mais trivial, de modo que “cheio de água” pode ser traduzida **quanta neno** (o substantivo “água” sendo **nén, nen-**).

Não temos um exemplo atestado de uma forma genitiva do quenya funcionando como o *predicado* de uma frase – mas também não há qualquer razão em particular para se duvidar de que (digamos) “o anel é de Sauron” possa ser traduzida **i corma ná Saurondo**. (O nome **Sauron** provavelmente possui a forma de radical **Saurond-**, devido à derivação que Tolkien indicou em Letters: 380.)

Ordem das palavras: na versão prosaica do *Namárië*, Tolkien colocou um genitivo na *frente* do substantivo do qual ele depende: **Aldaron lassi** = literalmente “asas das árvores”, **ómaryo lírinen** = literalmente “na canção de sua voz”, **Calaciryo míri** = literalmente “jóias de Calaciryä” – cf. a tradução entrelinhas em RGEO: 66-67. (Deve-se observar que **aldaron lassi** foi alterado a partir de **lassi aldaron** na versão “poética” no SdA.) Em cima da versão “prosaica” inteira, Tolkien também colocou o sobrescrito **Altariello nainië**,

“lamento de Altariel (= de Galadriel)”. O *Juramento de Cirion* apresenta a mesma ordem de palavras: nórëo alcar “a glória da terra”, Elendil vorondo voronwë “a fé de Elendil, o Fiel” (a desinência de genitivo sendo anexada à *última* palavra na expressão **Elendil voronda** “Elendil [o] Fiel”; como sempre, a desinência remove um -a final). No SdA também temos elenion ancailima para “a mais brilhante das estrelas”. Então em prosa normal o genitivo deve sempre vir antes?

Não necessariamente, ao que parece. A maioria dos genitivos atestados em quenya *sucede* o substantivo do qual dependem, com a mesma ordem de palavras da construção com *de* em português. No caso da maior parte destas atestações, não temos qualquer razão para supor que a ordem das palavras é particularmente “poética”: **Quenta Silmarillion** “História das Silmarils”, **Heru i Million** “Senhor dos Anéis”, **lúmenn’ omentielvo** “sobre a hora do nosso encontro”, **asëa aranion** “*asëa* [planta benéfica] dos reis” (folha-do-rei; os dois últimos exemplos são do SdA), **Híni Ilúvataro** “Filhos de Ilúvatar” (Glossário do *Silmarillion*), **mannar Valion** “para as mãos dos Poderes” (*Canção de Fíriel*), **Heren Istarion** “Ordem dos Magos” (CI: 426), **Pelóri Valion** “Elevações Circundantes dos Vali [Valar]” (MR: 18), **Aran Sindaron** “Rei dos Sindar” (WJ: 369), **Aran Lestanórëo** “Rei de Doriath” (*ibid.*), **i euessi Rúmilo** “os ditos de Rúmil” (WJ: 398), **lambë Eldaron** ou **lambë Quendion** “o idioma dos elfos” (WJ: 368/PM: 395), **Rithil-Anamo** “Círculo do Destino” (WJ: 401).

Um mal-entendido em potencial pode ser mencionado aqui: ocasionalmente as pessoas se vêem completamente seduzidas pelas construções com *de* do português, achando que a desinência de genitivo -o deve aparecer no mesmo lugar na expressão assim como a preposição *de*. Por este motivo eles terminam *anexando a desinência de genitivo à palavra errada* em uma tentativa inútil para copiar a ordem portuguesa de todos os elementos na expressão. Peça a dez pessoas para traduzir “a glória de Aman” para uma expressão genitiva em quenya, e é bem provável que várias delas irão sugerir algo como **i alcaro Aman**, que na verdade significa “Aman da glória”! O que queremos é **Amano alcar** ou **(i) alcar Amano**.

Quanto à ordem de palavras empregada quando uma *preposição* é usada em conjunto com uma expressão genitiva, o *Namárië* prosaico fornece o estranho exemplo **Vardo nu luini tellumar**. Tolkien traduziu isto como “sob as abóbadas azuis de Varda”. Como vemos, a expressão em quenya é literalmente “de Varda sob abóbadas azuis”, a preposição *sucedendo* o substantivo genitivo – uma ordem mais inesperada, especialmente considerando que esta é para ser a prosa normal. O *Namárië* prosaico também tem ainda **aldaron rámar** para “como as asas das árvores”. Aqui a ordem das palavras é exatamente o que esperaríamos, ou seja, preposição + genitivo + o substantivo que ele rege (e não ****aldaron ve rámar** ou o que quer que seja!) É quase tentador supor que **Vardo nu luini tellumar** seja simplesmente um erro para **?nu Vardo luini tellumar**. Ao menos neste estágio, eu usaria sempre a ordem de palavras no “estilo português” exemplificada por **aldaron rámar**. Talvez **Vardo nu luini tellumar** seja um exemplo da sintaxe extremamente esotérica preferida pelos Eldar, cujos pensamentos não são como aqueles dos homens mortais... ou talvez isto seja apenas um erro de digitação. Devemos esperar pela publicação de mais material.

O uso do artigo: um genitivo determina o substantivo do qual depende, assim como faz o artigo definido: **Indis i-Ciryamo** significa “a Esposa do Marinheiro”. Isto não pode ser

interpretado “*uma* esposa do marinheiro” em um sentido indefinido ou indeterminado, embora o artigo definido **i** esteja ausente antes do substantivo **indis** “esposa, noiva”. O mesmo com **lambë Quendion** “o idioma dos elfos” (PM: 395, ênfase adicionada); isto não pode ser interpretado como “*um* idioma dos elfos”, pois **lambë** é determinada pelo genitivo **Quendion**. Deve-se compreender que, enquanto o primeiro substantivo de uma construção portuguesa com *de* pode ou não ser definido e conseqüentemente recebe o artigo apropriado (*o, a* ou *um, uma*), um substantivo em quenya ligado ao genitivo que o segue é sempre determinado, sendo o artigo **i** usado ou não.

Onde o genitivo *sucede* o substantivo do qual depende, o uso do artigo definido antes deste substantivo é aparentemente opcional. O substantivo é definido de qualquer modo, de modo que incluir o artigo é de certa forma supérfluo; ainda temos os exemplos **i arani Eldaron** “os reis dos Eldar” (WJ: 369) e **i equessi Rúmilo** “os ditos de Rúmil” (WJ: 398). **Equessi Rúmilo** e **arani Eldaron** sem o artigo significariam precisamente a mesma coisa. De forma oposta, a expressão **indis i ciryamo** “a esposa do marinheiro” poderia presumidamente ter sido ampliada para ser lida **i indis i ciryamo** “a esposa do marinheiro”, novamente sem alterar o significado.

Nenhum exemplo atestado de um genitivo *precedente* é seguido por um artigo. Mas se podemos escolher livremente entre **i equessi Rúmilo** e apenas **equessi Rúmilo**, este princípio talvez ainda se aplicaria se o genitivo fosse movido para o início da expressão? **Rúmilo equessi** “os ditos de Rúmil” é certamente uma expressão válida, mas e quanto a **Rúmilo i equessi**? Isto seria igualmente possível, ou soaria tão estranhamente como “de Rúmil os ditos” em português? Quanto a mim, eu evitaria esta construção incerta e não atestada.

Algumas preposições regem o caso genitivo. É dito que **ú** “sem” é geralmente seguida por genitivo, com Tolkien mencionando o exemplo **ú calo** “sem luz” (VT39: 14). Este **calo** parece ser a forma genitiva do substantivo **cala** “luz” (como em **calaquendi** “elfos da luz” ou **Calaciryra** “Fenda de Luz”).

Sumário da Lição Onze: o substantivo em quenya é declinado por vários *casos*, formas especiais do substantivo que esclarecem qual função o substantivo possui em uma frase. As formas até agora tratadas são exemplos do caso *nominativo*, usado quando um substantivo é o sujeito ou o objeto de uma frase (um caso de “objeto” distinto, o *acusativo*, ocorreu anteriormente mas saiu de uso no quenya exílico). A caso *genitivo* do quenya possui a desinência **-o** (deslocando um **-a** final, onde tal está presente); a forma no plural é **-on** (adicionada ao nominativo plural), enquanto que os genitivos duais recebem a desinência **-to** (mas substantivos com formas nominativas duais em **-u** teriam possivelmente genitivos duais em **-uo** ao invés de **-uto**). O substantivo regido pelo genitivo pode vir tanto antes como após ele; **Rúmilo equessi** ou **(i) equessi Rúmilo** serviriam igualmente para “os ditos de Rúmil”. O genitivo do quenya indica propriamente fonte ou origem (incluindo possuidores *anteriores*), mas também abrange a maioria das relações entre pessoas (como relações familiares), assim como o relacionamento entre um governante e o governado (povo ou território). “**Xo Y**” ou “**Y Xo**” também pode implicar “Y de X” no sentido de Y sendo uma parte física de X, ou (se X é uma palavra no plural) Y sendo um de X. Assim, diz-se Eärendil ser **elenion ancailima** “a mais brilhante das (/dentre as) estrelas”. A relação entre um lugar e algo localizado naquele lugar também pode ser expressa por meio de um genitivo: **Calaciryó míri** “as jóias de Calaciryra”. Um genitivo também pode expressar “de

= sobre, com respeito a”, como em **Quenta Silmarillion** “a História das Silmarils”. Além disso, a preposição **ú** “sem” geralmente rege o caso genitivo.

VOCABULÁRIO

cainen “dez”

laman (lamn-) “animal” (a forma de radical também pode ser simplesmente **laman-**, mas usaremos **lamn-** aqui)

yulma “taça, copo”

limpë “vinho” (dentro dos mitos de Tolkien, **limpë** era um tipo de bebida especial dos elfos ou dos Valar – mas no *Etimologias*, entrada *LIP*, Tolkien também fornece a palavra como “vinho”, e usaremos a palavra neste sentido aqui)

rassë “chifre” (“especialmente em animais vivos, mas também aplicado a montanhas” – Etim., entrada *RAS*)

toron- (torn-) “irmão”

Menel “o firmamento, céu, os céus” (mas a palavra em quenya está no singular. Ela aparentemente não é usada em um sentido religioso, mas se refere apenas aos céus físicos. Cf. **Meneltarma** “Coluna dos Céus” como o nome da montanha central em Númenor. A palavra **Menel** está em maiúscula e é tratada aparentemente como um nome próprio, não exigindo assim qualquer artigo.)

ulya- “verter, derramar” (pretérito transitivo **ulyanë**, intransitivo **ullë**)

sírë “rio”

cilya “fenda, desfiladeiro” (também **ciryá**, como em **Calaciryá** “Fenda de Luz”, o nome aparecendo na verdade como **Calacilya** em alguns textos – mas uma vez que **ciryá** também significa “navio”, usaremos **cilya** aqui)

anto “boca” (possivelmente representando *amatô*, *amto* mais primitivos; sendo assim, ela provavelmente vem da mesma raiz do verbo **mat-** “comer”)

ú preposição “sem” (geralmente seguida por genitivo)

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. **Hirnentë i firin ohtaró macil.**

B. **Menelo eleni sílar.**

C. **Tirnen i nisso hendu.**

D. **Cenuvantë Aran Atanion ar ilyë nórion.**

E. **Coa ú talamion umë anwa coa.**

F. **I tário úmië torni merir turë Ambaro lier.**

G. **I rassi i lamnion nar altë.**

H. **I cainen rávi lintavë manter i rocco hrávë.**

2. Traduza para o quenya:

I. Os pássaros do céu verão dez guerreiros entre os grandes rios.

J. O servo do rei derramou vinho dentro da maior das taças. (“*o[a] maior*” = **analta**. Hora de repetir a Lição Cinco, onde tratamos dos superlativos?)

K. O irmão do elfo reuniu os dez livros sobre estrelas.

L. O grande rio da terra verteu em um desfiladeiro.

- M. Um homem sem uma boca não pode falar.
- N. Eu tenho visto (vi) a maior de todas as montanhas sob o céu.
- O. Eu quero encontrar uma terra sem grandes animais como leões.
- P. Você verá um animal sem chifres. (*dual: um par de chifres*)